

Espaços não formais de educação: uma discussão sobre a formação docente

Non formal educational spaces: a discussion on teacher education

Alice Ferreira Azevedo

Universidade Federal Fluminense
alice_azevedo@id.uff.br

Marise Basso Amaral

Universidade Federal Fluminense
marisebassoamaral@gmail.com

Resumo

A formação docente no campo da ciência/biologia parece não inserir atividades relacionadas aos espaços não formais de educação. Esse fato aliado a outras questões pode nos ajudar a pensar sobre a baixa frequência de visitas escolares a esses ambientes. Este trabalho teve como objetivo examinar como o espaço não formal de educação é experimentado pelos licenciandos. De que modo essa experiência é pensada, organizada e registrada por professores já graduados e aqueles ainda em formação? Para realizar a pesquisa três linhas gerais de análise foram utilizadas: coleta documental, questionários e entrevistas. Todas elas foram analisadas de forma qualitativa, para assim, traçar reflexões e pensar sobre o lugar da cultura na agência docente. É possível notar um aspecto ainda tímido dos espaços não formais de educação na formação e prática docentes. Entretanto, não podemos deixar de perceber os diversos aspectos sociais e econômicos que atravessam a possibilidade desse crescimento.

Palavras chave: educação não formal; práticas pedagógicas; formação cultural

Abstract

The teacher training in biology does not seem to include activities related to non-formal educational spaces his fact, together with other issues, can help us think about the low frequency of school visits to these environments. This paper aimed to examine how the non-formal education space is experienced by the graduating. How is this experience thought out, organized and recorded by already graduated teachers and those still in training? To perform the research three general lines of analysis were used: documentary collection, questionnaires and interviews. All of them were analyzed in a qualitative way to create reflections and think about the place of culture in the teacher's agency. In this sense, it is possible to note a unassertive aspect of non-formal spaces of education in teacher formation and practice in general. However, we can not ignore the various social and economic aspects that cross the possibility of this growth.

Key words: non-formal education, pedagogical practices, cultural formation

Introdução:

Nos últimos anos muito se tem discutido sobre a formação estética dos professores (FREITAS 1999; JACOBUCCI 2010; ALMEIDA 2010). Loponte (2014), afirma em seu trabalho a importância da formação estética para todos os docentes, independente de sua área de conhecimento. Nesse sentido, a formação cultural dos professores vem como uma grande ferramenta que tende a crescer e ganhar cada vez mais espaços nas discussões do campo docente. Desse modo, essa formação cultural pode ganhar mais olhares enriquecendo os currículos e refletindo não só nos professores, mas também nos alunos. Assim, nos aproximamos das palavras de Fisher (2009) ao discutir questões estéticas no espaço da formação docente a partir de leitura “A hermenêutica do sujeito”, de Michael Foucault apostando na potência encerrada nesse contato construído entre estética e educação:

Lugar de onde talvez seja possível não exatamente pensar nos nossos limites e nas forças que nos constroem, mas as condições e possibilidades infundas, imprevisíveis, e indefinidas de nos transformarmos e de sermos diferentes do que somos. (FISHER, 2009, p.94)

Partindo para a formação estética de professores de Ciências e Biologia em que Guido e Carvalho (2016) comentam que buscam “novos formatos e caminhos para a formação inicial de professores/as de Ciências e Biologia atravessadas por sensibilidades e inquietações do contemporâneo, pela arte e culturas”.

Nesse sentido, nos propusemos a investigar como o espaço não formal de educação é experimentado e de que modo essa experiência é pensada, organizada e registrada por professores/as e docentes em formação. Para isso, foi necessário investigar como esses espaços e as discussões particulares a esse campo apareceram na formação de alguns professores de biologia que hoje atuam em sala de aula e também daqueles docentes que estão ainda na formação.

Desenvolvimento metodológico

O trabalho foi desenvolvido com três instrumentos de investigação: análise de grades curriculares, questionário de hábitos culturais e entrevistas. Tais instrumentos permitiram uma análise qualitativa sobre os espaços não formais de educação na formação do professor em três linhas gerais: coleta documental, questionários e entrevistas (MARCONI; LAKATOS, 1999).

As entrevistas foram realizadas com alunos em formação e com professores já atuantes na educação básica, ambos da rede pública de ensino. Tais entrevistas possuíam apenas um roteiro norteador para que se pudesse dialogar com o entrevistado com certa liberdade, essas são chamadas de entrevistas semiestruturadas (LAKATOS; MARCONI, 1996, SEVERINO, 2007).

Antes das entrevistas era lido e assinado o Termo de consentimento livre e esclarecido. Foram entrevistados dez professores/as de biologia e dez alunos/as de Licenciatura em Ciências Biológicas. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Durante a execução das entrevistas procuramos estabelecer um clima de confiança e não sugerir respostas, pois assim seria possível obter ideias mais claras encorajando os entrevistados a produzirem

“ventríloquos da própria alma” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.37).

Com os áudios das entrevistas transcritos montaram-se tabelas de falas que foram separadas por sete categorias que serão apresentadas e explicadas na próxima sessão. Todas as tabelas foram analisadas e revisadas para posterior discussão sobre o que aquelas entrevistas nos revelaram.

Na etapa nos questionários, nos interessou investigar, mesmo com limites, como esses sujeitos se relacionam com a cultura. Desse modo, formulou-se um questionário de perguntas fechadas que traziam alternativas para que o informante escolhesse uma delas (CHAER *et al.*, 2011)

Nesse questionário¹ foram colocados diversos espaços não formais: Museu, teatro, cinema, exposição e centros culturais, espaços ao ar livre (parques, jardins, zoológicos), concerto ou ópera e show. A partir disso, questionava-se a frequência com a qual o entrevistado visita esses lugares, a partir de categorias como: uma vez por semana, uma vez por mês, algumas vezes ao ano, uma vez ano passado ou nunca. No total foram dez estudantes e dez docentes, os mesmos que participaram das entrevistas. Os questionários foram analisados junto com as entrevistas, sobrepondo informações para uma análise qualitativa mais completa possível.

Como o trabalho aborda a formação inicial de futuros docentes, a questão do currículo não poderia ser excluída já que o mesmo é uma importante fonte da investigação desses espaços ao longo do curso. Assim, optamos por tentar apenas vislumbrar durante as entrevistas e em alguns documentos oficiais (grades curriculares), como esses espaços apareciam.

Ao estabelecer isso, selecionamos cinco universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Através do site das universidades citadas foram obtidas as grades curriculares mais recentes com as matérias obrigatórias, optativas e eletivas do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. A partir disso, foram analisadas todas as matérias com enfoque nas disciplinas da área da Educação e suas ementas. Por fim, foram selecionadas aquelas que poderiam trazer alguma abordagem sobre Espaço não formal de educação. Esses dados foram coletados para posterior análise.

Resultados

Para a primeira parte dessa investigação foi aplicado o método de coleta documental em que foi feita a análise de grades curriculares. Com isso, ao expor aqui cada análise feita em cima dos currículos das universidades cabe ressaltar que nosso objetivo não é apontar falhas e sim analisar como se encontra nossa atual situação acerca da presença e discussão desses espaços na formação do docente em ciências biológicas. Notou-se um aspecto ainda tímido da presença dos espaços não formais nesses cursos de licenciatura². Em diversas disciplinas, esses espaços aparecem de uma maneira muito ampla, podendo ser mais uma opção para adquirir horas.

Por outro lado, existem disciplinas que se dedicam em parte, ou inteiramente, à discussão e ao reconhecimento desses espaços na formação. Logo, é importante dar crédito a essas

¹ Este questionário foi tomado a partir do trabalho de Monografia de Vinícius dos Santos Moraes (2014).

² Cabe destacar que o fato das disciplinas não apresentarem em sua ementa o espaço não formal, não permite afirmar que nelas não é trabalhada essa dimensão. Porém, é possível pensar que não se reservou um espaço curricular formal nas mesmas para abrigar esse tipo de discussão.

disciplinas que podem se configurar em uma oportunidade de alavancar essa abordagem e incentivar a implementação de disciplinas semelhantes àqueles currículos que ainda não as possuem. Além disso, todas essas disciplinas encontradas, que abordam o tema em questão, são obrigatórias, o que garante aos graduandos alguma experiência com os espaços não formais durante seus cursos.

A título de ilustrar a presença ainda tímida de disciplinas voltadas especificamente para a discussão dos espaços não formais na educação, na formação inicial docente, apresentamos abaixo um quadro que organizam dados encontrados.

Universidade	Quantidade de disciplinas	Nome(s) das disciplinas	Carga horária
UERJ	01	Ensino de Ciências	90 horas
UFF	01	Iniciação a Docência para Licenciatura III – Espaços não formais	50 horas
UFRJ	04	Prática de Ensino de Ciências e Biologia e Estágio Supervisionado / Did. de Ciências Biológicas II / Ativ. Acad. Esp. II – Extensão Ativ Acad Esp IV - Cultura e Diversidade	400 horas/ 30 horas/ 50 horas/ 50 horas
UNIRIO	-	-	-
UFRRJ	-	-	-

Quadro 1: Relação das Universidades com as disciplinas que abordam os espaços não formais de educação.

Partimos para a fase de análise das entrevistas. Com finalidade de organizar a análise foram separadas algumas falas em categorias ilustradas no quadro 2.

Categoria	O que essa categoria nos traz	Conteúdo geral das falas	Público alvo das falas
Espaços não formais: modos de ver	Como os entrevistados enxergam, interpretam e compreendem os espaços não formais de educação.	Parte das falas curtas, respondendo a importância desses lugares de maneira genérica. Outra parte das falas vê esses espaços como concretização do conteúdo/ visualização do abstrato. Visão do museu como lugar de dar prazer e felicidade aos alunos. Encontro de quem está no mundo da escola para quem está no mundo da pesquisa	Professores e docentes em formação
Formação docente e os espaços não formais	Relatos dos entrevistados ao questionamento de como os espaços não formais de educação foram discutidos e apresentados em sua formação.	O contato com o espaço não formal ocorre, muitas vezes, quando o discente procura por projetos de extensão ou entraram na área de educação de Museus e Centros de Ciências.	Docentes em formação
Sentimentos docentes e os espaços não formais	Sentimentos expressados ao relatar visitas aos espaços não formais de educação.	Emoção, conforto, felicidade. Momento de aproximação dos alunos Criação de laços mais estreitos entre alunos e professores	Professores
Planejamento das visitas	Como o professor estrutura e planeja as visitas a esses espaços.	Partes dos entrevistados preferem não tornar a visita “engessada” Outra parte prefere passar um trabalho, “extrair” da visita uma composição para a nota do aluno.	Professores
Desafios da visita	Problemas relacionados com a saída dos alunos da escola para diferentes espaços de educação.	Falta de transporte e verda Medo da violência na cidade Possibilidade de levar apenas um reduzido número de alunos	Professores
Memórias de espaços não formais	Memórias e lembranças que foram relatadas envolvendo os espaços não formais de educação	Preocupação de uma professora de Biologia se preocupar em proporcionar experiências estéticas como o teatro. Episódios de saída da escola se afastarem da Biologia. Memórias de saída da escola estavam limitadas a fase da infância.	Professores e docentes em formação

Quadro 2: Relação das categorias de falas com seus conteúdos e público alvo

A categoria *espaços não formais: modos de ver* teve como um de seus conteúdos principais as falas curtas que respondem a importância desses locais de uma maneira genérica, concordando com a autora Nogueira (2010) em que comenta que o professor precisa estar conectado com o mundo da cultura. Ainda nesse caminho, é importante pensar e investir na formação dos professores que frequentam os espaços não formais de educação, pois são eles

(docentes) que irão articular, de volta com a escola, cultura científica, saber popular, criação de novos conhecimentos e a divulgação científica (JACOBUCCI, 2008). Ainda nessa categoria notamos que os entrevistados trouxeram a compreensão de espaços não formais de educação como um lugar de visualização do abstrato. Como exemplo, destacamos a fala de um professor: “*Eu acho que ali é meio que, dependendo do museu, a concretização daquilo que eles veem na teoria ne?*”. Entretanto, esses lugares nos revelam muito mais do que isso, eles são também espaços de socialização do conhecimento e da cultura (CAMPUS & MINGUS, 2015). Além disso, apresentam um campo fértil para práticas educativas (GRUZMAN; SIQUEIRA, 2007).

O planejamento escolar para as visitas nesses espaços, é importante, “no caso da escola, ao planejar a visita a um museu ou espaço cultural, considerar atividades antes, durante e depois da experiência” (MARANDINO & CONTIER, 2015). Essa questão também apareceu na categoria: *planejamento das visitas*. Essa categoria revelou dois lados: professores que tem a preocupação de não deixar a saída “engessada” e professores que preferem dar um enfoque passando alguma atividade para que se ‘extraia’ uma composição para a nota dos alunos.

Uma outra categoria foi nomeada como “*formação docente e os espaços não formais*”. Aqui é onde os entrevistados, que estão sob vigência dos currículos analisados falam das disciplinas nas quais eles tiveram contato com a discussão de espaços não formais. Evidencia-se, que os currículos nos revelam uma determinada informação sobre as disciplinas e suas propostas e, muitas vezes, o que é feito na prática pode ser um pouco diferente. Nessa mesma perspectiva, os diversos autores abordam a necessidade de haver uma maior preocupação com a inclusão desses espaços na formação inicial de professores (MARANDINO, 2003; ALMEIDA, 2010).

A categoria *desafios da visita* nos revelou a falta de transporte e de verba, medo da violência na cidade e a possibilidade de levar apenas um reduzido número de alunos como os principais problemas. Embora o fato de que é importante que a educação básica tenha contato com outros espaços de aprendizado e que o professor precisa investir nesse campo (MARANDINO & CONTIER, 2015) temos que reconhecer que fatores externos influenciam diretamente para que aquela saída ocorra ou não.

A categoria *sentimentos docentes e os espaços não formais* contemplou os sentimentos dos professores nesses espaços e todos trouxeram sentimentos relacionados com a felicidade.

A última categoria é *Memórias de espaços não formais*. As lembranças geralmente vinham quando perguntávamos alguma experiência marcante de saída da escola com os alunos. Nesse processo muitas falas nos chamaram atenção: preocupação de uma professora de Biologia em proporcionar experiências estéticas como o teatro, episódios de saída da escola se afastarem da Biologia, memórias de saída da escola estavam limitadas a fase da infância.

Outra análise traçada foi o questionário de hábitos culturais. Primeiramente cinco perfis foram identificados. O primeiro perfil foi de entrevistados que tiveram maior contato com espaços não formais durante a formação docente, durante a educação básica ou consideram a presença desses espaços muito importante na educação de forma geral. Outro perfil era de professores que não saem com alunos da escola, porém consideram os espaços não formais de educação importantes. Um terceiro perfil era de professores que não saem com seus alunos da escola para outros espaços e dizem que não é uma abordagem que pretendem fazer. O quarto perfil eram os professores que não saem com seus alunos da escola para outros espaços e dizem que não é uma abordagem que pretendem fazer. Por fim, o último perfil foi dos docentes em formação. Cada perfil demonstrou uma frequência diferente nesses locais. Tais informações foram organizadas no quadro 3.

Perfis	Museus	Teatro	Cinema	Exposições e centros culturais	Espaços ao ar livre	Concertos ou Óperas	Shows
Entrevistados que tiveram/têm maior contato com espaços não formais de educação na formação docente e/ou educação básica e/ou consideram os espaços não formais de educação importantes	↑	↑	↑	↑	↑	↓	↓
Professores que não saem com alunos da escola, porém consideram os espaços não formais de educação importantes	↑	↑	↑	↑	↑	↓	↓
Professores que visitam esses espaços não formais de educação com os alunos e consideram esses locais importantes	↑	↑	↑	↑	↑	↓	↓
Professores que não saem com seus alunos da escola para outros espaços e dizem que não é uma abordagem que pretendem fazer	↓	↓	↑	↓	↓	↓	↓
Docentes em formação	↑	↑	↑	↑	↑	↓	↑

Quadro 3: Relação dos perfis com a frequência de visita aos diferentes espaços não formais. A seta para cima indica a alta frequência e a seta para baixo indica baixa frequência.

Os últimos gráficos aqui apresentados foram construídos a partir dos dados relativos ao modo como os entrevistados se relacionavam com os espaços abordados no questionário (museu, teatro, cinema, espaços ao ar livre, exposições e centro culturais, shows). Assim, foi possível obter um panorama geral por onde os entrevistados andam em seus momentos de lazer.

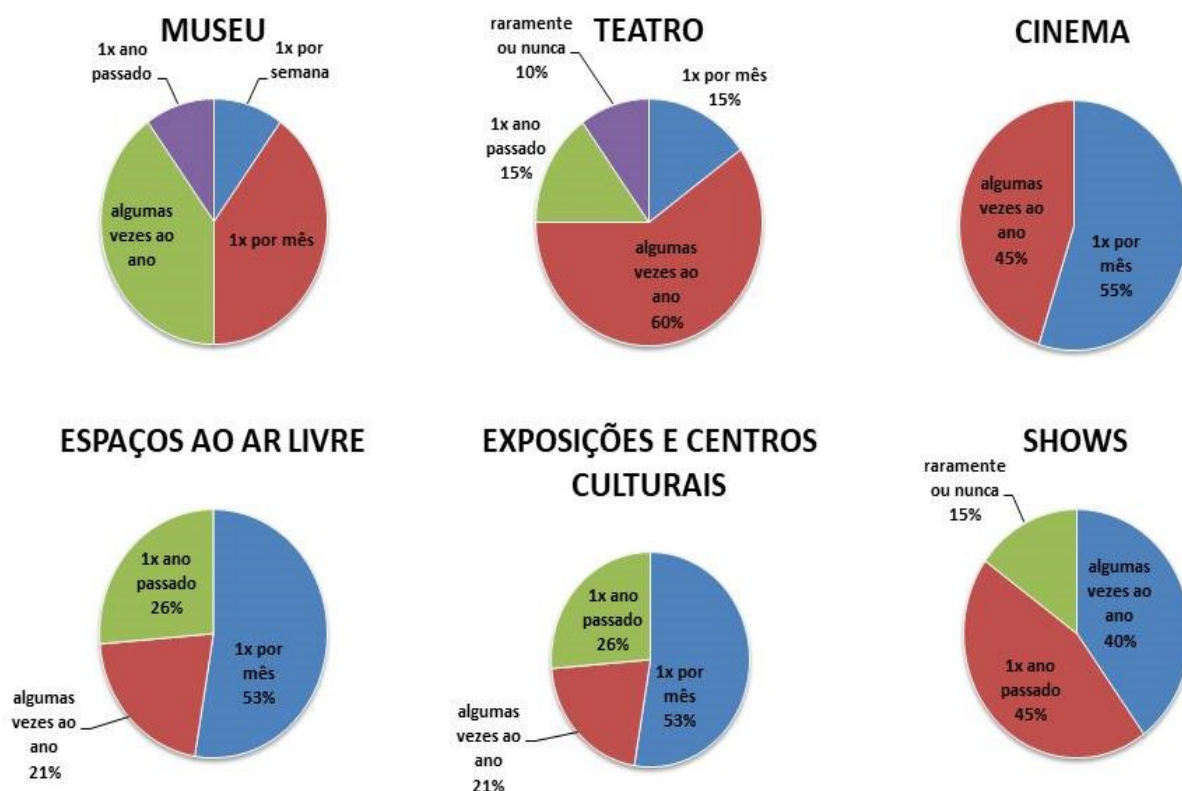


Figura 1: Gráficos em forma de pizza contendo cada espaço não formal de educação abordado no questionário e porcentagem de entrevistados que visitam esse lugar e seu tipo de frequência.

Com esse panorama geral é possível evidenciar que espaços como museus, espaços ao ar livre, teatro, cinema, exposições e centros culturais estão presentes nos momentos de lazer da maioria dos professores e docentes em formação que participaram da pesquisa. Exposto isso, a pesquisa feita apresenta resultados diferentes daqueles encontrados por Almeida (2010), dizendo que existe um baixo consumo de bens culturais por parte do professorado. Cabe ressaltar que o trabalho feito por essa pesquisadora trabalhou com um n bem maior. Mesmo assim, considero importante para o trabalho aqui feito, trazer essas considerações. Outro aspecto relevante é de os docentes em formação relatarem uma alta frequência nesses espaços em seus momentos de lazer. Esse panorama nos traz uma perspectiva otimista para próximas gerações de professores.

Agradecimentos e apoios

Agradecemos aos alunos de graduação e professores que participaram dessa pesquisa.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, C.M.C. A cultura na formação dos professores. **Boletim Salto para o futuro: Formação cultural de professores**. v.10, n.7, p. 14-21, 2010. Rio de Janeiro

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**. 2.ed. Porto: Porto Editora. 1994. 336 p

CAMPUS, N. F.; MINGUS, E. **Bons roteiros para ótimas visitas aos museus de ciências: orientações didáticas**. Educação Não Formal e Divulgação em Ciência: da produção do conhecimento a ações de formação.(MARANDINO, M.; CONTIER, D.) Faculdade de Educação da USP. São Paulo. 2015. p.31-16.

CHAER, G.; DINIZ,, R.R.P.; RIBEIRO, E.A. A técnica de questionário na pesquisa educacional. **Evidencia**, v.7, p.251-266, 2011, p.251-266. Araxá.

FISCHER, R.M.B. Docência, cinema e educação: questões sobre formação estética. **Revista Brasileira de Educação**, v.14, n.40, p.93-102, 2009. Rio de Janeiro.

FREITAS, M. Os museus e o ensino das Ciências. **Comunicar Ciência**. v.3, 1999, p.1-7.

GRUZMAN, C.; SIQUEIRA, V. H. F. O papel educacional do Museu de Ciências: desafios e transformações conceituais. **Revista Electronica de Enseñanza de las Ciencias**. v.6, n.2, 2007, p. 402-423.

GUIDO, L.F.E.; CARVALHO, D.F. Biologias atravessadas por sensibilidades e inquietações da contemporaneidade. **Educação em foco**, v.21, n.1, p.155-139, 2016.

JACOBUCCI, D.F.C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão** v. 7, p. 55-66, 2008. Uberlândia.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Técnicas de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Editora Atlas. 1996.

LOPONTE, L.G. Experiências Estéticas e Linguagens Artísticas – Inquietudes e Experiências estéticas para a educação. **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 28, n. 56. 2014, , p. 643-658.

MARANDINO, M. A formação inicial de professores e os museus de Ciências. In: SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Formação docente em Ciências: memórias e práticas**. Niterói: EdUFF. 2003. p. 59-76.

MARANDINO, M.; CONTIER, D. Apresentação. **Educação Não Formal e Divulgação em Ciência: da produção do conhecimento a ações de formação**.(MARANDINO, M.; CONTIER, D.). Faculdade de Educação da USP. São Paulo. 5-7. 2015.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M.. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MORAES, V. S. **Espaços não formais, cultura e experiência estética: entrelaces de um formação e discussões para a formação docente**. 2014. 52 p. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal Fluminense.

NOGUEIRA, M.A. Formação cultural: questões teóricas. **Boletim Salto para o futuro: Formação cultural de professores**. v.10, n.7. p. 8-13. 2010.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo:Cortez. 2007.